

1) Samuel Taylor Coleridge

But Nature never loses what she has once learnt, though in the acquirement of each new power she intermits, or performs less energetically, the act she immediately preceding. She often drops a faculty, but never fails to pick it up again. She may seem forgetful and absent, but it is only to recollect herself with *additional*, as well as *recruited* vigour, in some after and higher state; as if the sleep of powers, as well of bodies, were the season and condition of their growth. Accordingly, we find these instincts again, and with them a wonderful synthesis of fish and insect, as a higher third, in the feathered inhabitants of the air. Nay, she seems to have gone yet further back, and having given $B + C = D$ in the birds, so to have sported with one solitary instance of $B + A = A$ in that curious animal the dragon, the anatomy of which has been recently given to the public by [Friedrich] Tiedemann; from whose work it appears, that this creature presents itself to us with the wings of the insect, and with the nervous system, the brain, and the cranium of the bird, in their several rudiments. (Coleridge, *Hints towards the formation of a more comprehensive Theory of Life*, p. 82-3)

Que todas as línguas designem a melodia dos pássaros como canto (embora, de acordo com Blumenbach apenas o homem cante, enquanto os pássaros apenas assobiam), demonstra que ela foi sentida como o que realmente é, como uma tentativa e um prelúdio profético de algo que ainda virá. Com isso [eles] ligam o poder e a tendência para adquirir a articulação e para imitar a fala; ligam o instinto construtivo e o migratório, a monogamia de todas as diferentes espécies e o acasalamento da maioria delas; e deveremos colecionar novos exemplos do uso (não ousou dizer lei) segundo a qual a natureza faz declinar [*lets fall*] com o intuito de revigorar, e retrocede ao máximo, quando pensa saltar à frente com a máxima concentração de energia. (Idem, p. 84)

Filosofia da identidade (1801-1807)

Investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana (1809)

Conferências de Stuttgart (1810)

As idades do mundo (1811 e 1813)

2) Schelling, *Investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana*

Ela [essa dependência do criado em relação ao criador] não determina a essência e diz apenas que, qualquer que possa ser o dependente, ele só pode ser como consequência daquilo de que é dependente; ela não diz o que ele é ou o que não é. Todo indivíduo orgânico é, como um indivíduo que veio a ser [*als ein Gewordenes*], somente por meio de um outro e, nessa medida, é dependente segundo o vir-a-ser, mas de maneira alguma segundo o ser.¹

3) Schelling, *Filosofia e religião*

Também as Ideias são, por sua vez, necessariamente produtivas da mesma maneira; também elas produzem apenas algo absoluto [*Absolutes*], apenas Ideias, e as unidades que provêm delas, estão para elas assim como elas mesmas estão para a unidade originária. Esta é a verdadeira teogonia transcendental: uma outra relação que uma relação absoluta não existe nessa região, o que o mundo antigo soube exprimir segundo sua maneira sensível mediante a imagem da geração, pois o gerado é dependente do gerador e, não obstante, autônomo.²

4) Schelling, *Filosofia da arte*

A relação de dependência entre os deuses não pode ser representada senão como relação de geração (teogonia). — Pois geração é o único modo de dependência no qual todavia o dependente permanece absoluto em si. Ora, para a Ideia dos deuses se exige que sejam, como particulares, absolutos. Logo, etc.³

O modo como os deuses se geram uns aos outros é novamente símbolo do modo como as Ideias existem umas nas outras e resultam umas das outras. A Ideia absoluta ou Deus compreende, por exemplo, todas as Ideias em si, e se estas, como compreendidas nele, são novamente pensadas como absolutas por si, elas são geradas a partir dele; por isso, Júpiter é pai dos deuses e dos seres humanos, e mesmo seres que já nasceram são novamente gerados por ele, uma

¹ Idem, *Sobre a essência da liberdade humana*, VII, p. 346.

² Schelling, *Philosophie und Religion*, VI, 35.

³ Idem, *Filosofia da arte*, SW, V, 405. São Paulo: Edusp, 2001, p. 67.

vez que o curso do mundo somente com ele se inicia, e tudo tem de ser *nele*, para ser no mundo.⁴

5) Goethe, *Máximas e reflexões*, 643.

O engendrado não é inferior ao engendrante, é mesmo a vantagem do engendramento vivo [*lebendig*], que o engendrado pode ser mais primoroso que o que engendrante.

Das Gezeugte ist nicht geringer als das Zeugende, ja es ist der Vortheil lebendiger Zeugung, daß das Gezeugte vortrefflicher sein kann als das Zeugende. (M.u.R. 643)

6) Schelling, *Investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana*.

A filosofia de natureza de nossa época foi a que estabeleceu por primeiro na ciência a diferenciação entre o ser, na medida em que existe, e o ser, na medida em que é apenas fundamento de existência [*Grund der Existenz*]. [...]

Mas já que nada está antes ou fora de Deus, ele tem de ter o fundamento de sua existência em si mesmo. Todas as filosofias dizem isso; mas elas falam de fundamento como um mero conceito, sem torná-lo algo real e efetivo. Esse fundamento de sua existência, que Deus tem em si mesmo, não é Deus considerado absolutamente, isto é, na medida em que existe; pois ele é mesmo somente o fundamento de sua existência, ele é a *natureza* – em Deus; um ser certamente inseparável, mas diferente dele. Analogicamente essa relação pode ser elucidada por aquela entre a gravidade e a luz. A gravidade precede a luz como seu fundamento eterno obscuro, que não é *actu*, e foge para a noite, enquanto surge a luz (o existente). (IV, pp. 249-251; VII, p. 357-358)

7) Schelling, *Conferências de Stuttgart*, IV, p. 331; VII, p. 439

O primeiro passo para isso é também aqui a cisão em que Deus cinde o amor em si, isto é, o seu verdadeiro e próprio si-mesmo, do seu [ser] impróprio. Mas essa cisão só pode ocorrer de tal modo que ele eleve um princípio sobre o outro, e subordine, ao contrário, este àquele. A subordinação do egoísmo divino sob o amor divino é o início de toda a criação. O egoísmo = primeira potência, o amor

⁴ Idem, idem. Tradução citada, p. 68.

= segunda potência ou potência superior. Segundo o mero egoísmo não haveria nenhuma criatura. Entretanto, na medida em que ele o subordina ao amor, o amor o supera, e esse superamento do egoísmo divino pelo amor divino é a criação (natureza = força fletida [rebaixada: gebeugt]) – O egoísmo divino é o ser fundamental da natureza – não digo: ele é a natureza, pois a natureza real viva, tal como a vemos diante de nós, é já o egoísmo divino superado e mitigado pelo amor divino. Ele é o ser fundamental da natureza, a matéria, da qual tudo é produzido.

8) Schelling, *As idades do mundo*. Primeira versão, p. 24. (passado)

Obscuridade e fechamento [*Verschlossenheit* = mutismo, taciturnidade] é o caráter da época primordial [*Urzeit*]. Toda vida vem primeiramente a ser e se forma na noite; por isso, esta foi chamada pelos antigos a mãe fecunda de todas as coisas, e o mais antigo de todos os seres, ao lado do caos. Quanto mais alto recuamos ao passado, tanto mais encontramos calma imóvel, inseparabilidade e juntura indiferente das mesmas forças que se inflamarão, primeiro suavemente, e depois numa luta cada vez mais selvagem. É assim, nas montanhas do mundo primitivo, que parecem olhar com indiferença eterna, silenciosa, para a vida agitada a seus pés; é assim nas formações mais antigas também do espírito humano. O mesmo caráter de fechamento nos aparece na seriedade silenciosa do egípcio, nos monumentos gigantescos da Índia, que não parecem construídos para nenhuma época, mas para a eternidade, e mesmo na grandeza serena, na calma sublime opostos às obras mais antigas da arte helênica, que, surgidas como que imediatamente antes que o conflito se inflamasse, parecem ainda a última floração da força daquela época mais calma do mundo.

9) Schelling, *As idades do mundo*. Primeira versão, p. 58. (presente)

O filho é o reconciliador [*Versöhner*], o libertador e salvador do pai, e se a força paterna estava ali antes do filho, ela não estava também antes do pai; pois o pai mesmo é pai no filho e pelo pai. Por isso, o filho também é novamente causa do ser do pai, e aqui vale sobretudo aquela expressão conhecida dos alquimistas: o filho do filho é aquele que foi pai do filho.